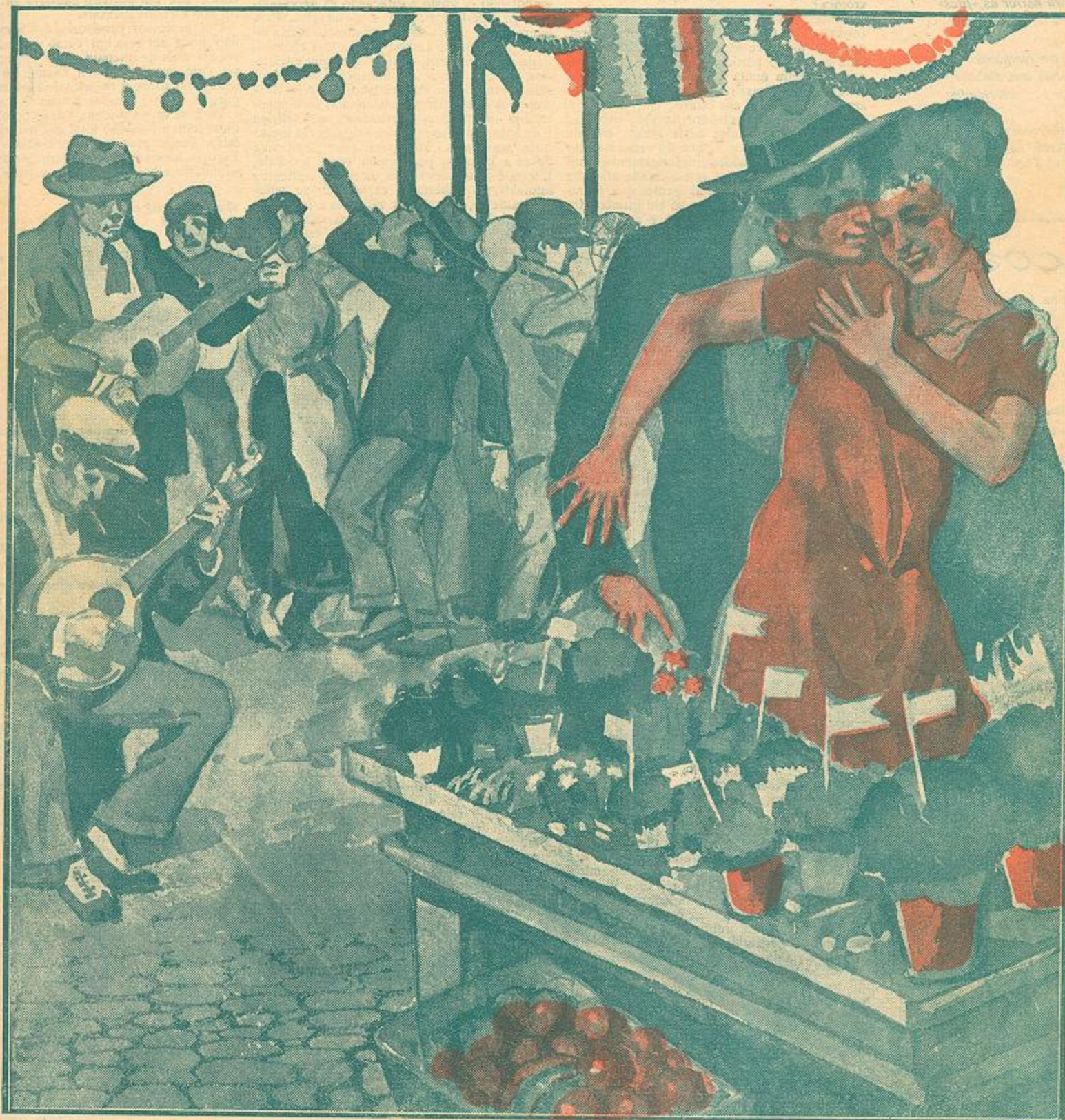
A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 22 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

Folguêdos populares em Lisboa

São bemditas as horas em que o pôvo folga! O nosso colega *Diario de Noticias* poz a sua grande publicidade ao serviço da propaganda das festas tradicionais de Santo Antonio, e conseguiu que elas tivessem um brilhantismo invulgar. Bem haja!

DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 22

LISBOA 14 DE JUNHO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má lingua

DESABAFO . . .

Francamente, eu não gosto do cinema
que hoje se alastra em ondas infinitas;
—darei á palmatoria as mãos contrictas
caso isto seja uma abjecção suprema . . .

Que ele nada me receie! Nada tema!
Que este odio não perturbe almas aflictas!
Eu só confesso o meu horror ás «fitas»
e a tudo quanto lhes servir de thema.

Ainda o outro dia, um companheiro
tamborilando os bolsos com dinheiro,
me propoz irmos ver . . . celebridades;

e eu disse-lhe que não, sem um rodeio;
—nem mesmo ao Tivoli, aonde creio
que actualmente se vê o Quo Vadis.

TAÇO

écos

VAI prestar-se uma homenagem ao dr. Sá e Oliveira que foi reitor do Liceu Pedro Nunes e o elevou a um grande nivel.

E' uma homenagem justissima. Nenhum dos rapazes que receberam educação naquela casa se esquecará de ir, no dia 27, jantar com o antigo e distinctissimo professor.

COMPLETOU mais um ano de existencia o grande diario do norte «O Comercio do Porto». Daqui saudamos o nosso querido amigo Bento Carqueja.

FOI coroada de exito a conferencia do nosso colega de redacção Adolfo de Castro, na Faculdade de Letras, tendo assistido todos os lentes e muitos alunos.

ACABA de fundar-se entre nós a «Agencia de Portugal» que vem preencher um logar ha muito aberto no nosso meio teatral.

Trata a «Agencia» de todos os negocios teatros e cinematografos, contratos de artistas nacionaes e estrangeiros, colocação de films, etc. Dada a escassez de agencias dessa especie entre nós, cremos que um futuro prospero está reservado á «Agencia Portugal», que tem já uma vasta e completa organisação.

ESQUADRAS

—Vamos ter uma esquadra. O ministro quer dar uma orientação nova . . .
—E' a esquadra do Caminho Novo . . .

questão prévia

SERÁ possivel que nesta cidade de quasi um milhão de habitantes (dou a este «quasi» um certa elasticidade) não se tenha produzido, durante uma semana, qualquer acontecimento digno de ser comentado e desfiado em cronica?

Remexo as minhas reminiscencias e só encontro, como factos salientes, uma greve geral, que não foi greve nem geral, e a inauguração dum congresso partidario, que só é congresso porque reuniu muita gente e só é partidario porque os congressistas constantemente se fizeram partidas uns aos outros.

Oh, a aridez desoladora da vida lisboeta! Oh, a terrivel mesmice deste burgo, em que parece ainda dominar a alma do velho Passeio Publico, num fastidioso prolongamento dum monotono passado, em que a cidade era uma aldeia grande e em que as gentes que moravam em Campo d'Ourique só em quinta feira de Endoenças desciam á Baixa e em que ir a banhos para a Junqueira era um facto que ficava assinalado na vida das familias!

Lisboa cresceu em area; deitou os seus tentaculos de alvenaria e tijolo até ás frescas hortas viçosas, em que o povo retoiçava no verão, em orgias pagãs de carrascão e peixe frito; entrou a conviver um pouco mais entre os seus bairros distantes, ligados pela velocidade dos electricos; desceu á rua; frequentou os teatros, foi aos clubs; fez revoluções; adeantou-se alguns anos no atrazo que a traz afastada das suas irmãs, as capitais da Europa, mas permaneceu engoiada de espirito, sem acção e sem vida intensa, permaneceu porta de tabacaria e soalheiro de lavadouro, como era no ultimo quartel do seculo passado.

Lisboa, invadida pela corrente constante da emigração provinciana, provincianisa-se a olhos vistos. Todos os dias os comboios despejam na cidade trabalhadores de enxada, que veem arvorar-se em operarios especialisados da construção civil e cachopas, cheirando a suor e herva cortada, que, com o pretexto de nos virem lavar as louças, encerar os sobrados ou queimar o jantar, veem engrossar o «demimondismo» que por esses lugares de prazer se dá o ar de descender em linha recta das Frinés ou das Taïs dos grandes centros e nas ceias orgiacas pede, como quintessencia, dos prazeres da mesa, dois ovos quentes e um calice de «vinho fino».

Incomoda e sem confortos, Lisboa não canalisa para dentro dos seus muros essa corrente benefica de população flutuante, que é o sangue sempre renovado das grandes capitais. A população lisboeta nutre-se da população da provincia, o mesmo é dizer que é um organismo que se alimenta a brôa e caldo verde, embotando o gosto e estacando as necessidades de aperfeiçoamento e civilisação. Para quem desce duma aldeia ou mesmo duma cidade provinciana, Lisboa com a sua electricidade aos domicilios, o seu gaz e agua encanados, os seus meios de transporte rapido, os seus passeios de embrechado, os seus cinemas e os seus teatros, funcionando diariamente, é já uma metropole grandiosa, que satisfaz e de sobra as necessidades creadas em meios mais acanhados. Mas para quem aqui vive desde a infancia, para quem sente a cidade, Lisboa é desoladora com os seus pavimentos imundos, os cobertores expulgando-se automaticamente, ao sol, por varandas e peitoris e este quizilento ar de familia, este constante passar e repassar de caras conhecidas, este bichamar constante de boatinhos e de intrigas que nos dá a impressão de vivermos todos não na mesma capital, mas no mesmo pateo.

Terra em que o ouro é de papel e que não tem, para atrair o ouro autentico e metalico, senão um clima, que nem sempre é ameno, forçosamente a sua vida de prazer e mundanismo tem de ser restrita e mesquinha. Nem as grandes festas particulares, nem os brilhantes festivaes publicos, comemorações de factos ou homens celebres, exposições e pretextos, emfim para reunir gente dispensadora de cabedais—nada quebra a monotomia provinciana da vida lisboeta. Os grandes perdularios, que queimam notas na banca francêsa e mandam abrir «champagne» para dessedentar as cortezãs, não são Farrobos alicerçados em solidas fortunas. São, na maioria dos casos, pobres rapazes empregados no comercio, que arrancam ao jôgo, o preciso para se darem uns ares de pandegos fazendo-se transportar aos restaurantes nocturnos em «side-car» e levando sobre os joelhos coristas desempregadas.

E quando os jornais teem de ocupar-se deles, não é para descreverem as festas magnificas que deram nas suas vivendas, é para lhes publicar o retrato, sob a rubrica, tão frequente, de «empregado infiel».

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

A. T. S. F. nos hospitaes

Um dos mais belos aspectos que a sciencia nos apresenta, no seu continuo progresso, é indubitavelmente pôr-se ao serviço dos infelizes, dos desherdados da sorte. Nós vêmo-la, na sua marcha constante, descobrir verdades, criar beleza e comodidades; mas tambem a vêmos, bastas vezes, debruçar-se sobre os que sofrem, em gestos de misericordia e bondade.

Assim chega-nos a noticia de que nos hospitaes inglezes vae ser introduzida a T. S. F., dentro dos quartos dos doentes, á beira dos seus leitos, para assim lhes dar alguns alivios naquela monotona vida de sofrimento.

Parece, porém, que esta iniciativa não partiu dos hospitaes inglezes. Já em Versailles a T. S. F. tinha sido posta ao serviço dos doentes do seu hospital, para os quaes como que desapareceu assim a barreira de sombra e silencio que os separa do mundo com vida.

De «reu» a «salvador»

E sabem ter atitudes belas os cultores da sciencia . . .

Numa cidade da França, no tribunal das acções crimes, assentava-se no banco dos reus o dr. [Mage, que estava respondendo a uma policia correcional. No processo figuravam mais de 200 testemunhas de acusação. De subito uma destas, um mutilado da guerra, é acometido por uma congestão grave, e logo o «reu» se transforma em medico assistente tão cuidadoso, para quem o ia acusar, que certamente este lhe ficou devendo a vida.

A morte do Maharadja

Em Neuily, perto de Paris, morreu ha dias um prince indú, o autentico maharaja de Gualior.

Logo a sua familia manifestou o desejo de que as cerimonias funebres se realisassem como o prescreve a solemne religião de Brahma. Para isso era preciso erguer em Paris uma grande piroa onde o corpo do principe ardesse aos olhos espantados dos parisienses.

Não o permitiram as autoridades, e a cerimonia teve de se limitar á simples incineração no forno crematorio.

Uma descoberta macabra

Está dito que o amôr pela sciencia, a ancia de desvendar misterios, e desfazer as sombras do passado remoto, não deixa dormir socegadamente os mortos . . .

E' o que acontece com os velhos faraós sumptuosamente enterrados entre tesouros d'ouro, pedrarias e madeiras preciosas.

Pois agora não foi no sagrado vale do Nilo, que uma descoberta d'essas se deu, mas sim em plena França, no departamento do «Ain», onde uns operarios descobriram subitamente, no meio da sua rude tarefa, um velho sarcofago da epoca dos Burguinhões, com dois esqueletos muito bem conservados.

Qual será agora o destino de ambos?

Naturalmente continuar assistindo ao desenrolar da eternidade nalgum museu.

SPECTATOR

comentarios

O unico bolchevista

Ha dias um funcionario do Congresso veio a publico, com o mais consideravel e solemne dos estilos, repôr as coisas no seu devido pé, —dizia—com respeito aos vencimentos daquele respeitavel pessoal. Com o modesto ar de quem apresenta miserias, o conspicuo burocrata assignalava, na eloqüencia perturbante das cifras, que um porteiro ganhava ali uns miseros 900 escudos mensais.

Um professor provisorio dos liceus—que o não pode ser sem um curso superior—ganha pouco mais de metade, e um professor efectivo, com curso superior, exame de Estado e teses, tem sobre o porteiro do Parlamento uma gorgeta de 100 escudos a mais.

Dizia-se que em plena Russia o bolchevismo tinha feito a inversão total das herarquias—e é falso. Pregunta-se qual será então o país da Europa que ganhará ao Estado português nessa autentica bolchevisação de valores. Nenhum

As mulheres politicas

No congresso democratico, que se realisou num simbolo de estranhas acrobacias—em um ginasio liceal, um congressista, o sr. Palermo, levantou a sua voz amavel em homenagem ás senhoras. E' uma politica inteligente a do sr. Palermo. A' Republica faltam saias. Por mais que se procure, não ha mulheres.

Se relancearmos os olhos pelas intelectuais, ou são todas talassas (Branca de Gonta, Madalena Martel, Veva de Lima, Domitilia de Carvalho, Maria de Carvalho, Lutgarda de Caires) ou conservadoras muito proximas destas (Virginia Victorino, Emilia Sousa Costa, Candida Parreira, Fernanda de Castro, Carolina Michaëlis, Tereza Leitão de Barros, Sofia Santo Tirso, Laura Chaves, etc., etc.)

Apenas, isolada, longe do cheiro das aristocracias, está, feliz no seu volumoso republicanismo e impavida no seu desafiante nome agricultor—Dona Maria Arade.

Foi essa que, precisamente, o sr. Palermo imortalisou no seu voto.

CONTRIBUIÇÕES

Tem cédula pessoal?
—Não senhor, tenho licença da camion.

Crónica alegre

APONTAMENTOS PARA UM MANUAL DE CIVILIDADE

NASCIMENTO E BATISMO

Formalidades legaes

Do nascimento de uma creança, deve ser declarado dentro do prazo de dez dias, a contar do primeiro vagido, ao funcionario do Registo Civil.

A declaração deve ser feita pelo pae e na falta d'este, por outro que não se importe de o ser.

Deveres dos paes

O pae ou paes da creança, logo que esta seja servida em vir ao mundo, devem dizer-lhe o que por cá vae, isto é, que a respeito de vergonha nem nos muzeus se encontra, que a vida aumenta todos os dias e que, quem não tiver habilidade para roubar ou para vender pão, morrerá de fome. Isto além de servir de instrucção á creança, ressalva qualquer desgosto futuro, pois se quando já gente, a creança se lembrar de dizer que esta

vida é insuportavel, poder-se-ha dizer-lhe que se está cá foi porque quiz, pois muito a tempo foi avisada do que por cá ia, e que se não recuou, foi porque achou bem.

Os paes e as mães, devem participar a todas as pessoas conhecidas o prolongamento da raça, usando para isso de varias folhas de papel onde escreverão: Fulano de Tal e Fulana de Tal, teem o prazer de participar a V. Ex.ª que chegou a esta residencia uma vergontea natural de tantos centimetros de comprimento, tipo 6 da Série A 2, que se encontra de perfeita saude e completamente restabelecido da tormentosa viagem. A mãe encontra-se egualmente de perfeita saude, pois com a «delivrance» delivrou-se de boa.

Escolha de padrinho

Para padrinho procura-se entre as pessoas conhecidas, a que tiver menos herdeiros e mais dinheiro. Para conseguir captar a pessoa escolhida, mostra-se-lhe o pimpolho frequentes vezes, dizendo-se com ar de grande convicção, que ha entre as duas uma paressença formidavel e bestial. Afirma-se tambem que a creança sempre que vê a pessoa escolhida desata a rir, que não tira os olhos de onde ela está, etc., etc.

Mal a pessoa sobre quem se fez a pontaria se oferece para apadrinhar o inocente, a mãe deve dizer logo que não quer que a julguem interesseira, que o seu filho nunca perdoaria, e o pae avança tambem, afirmando egualmente que não quer padrinhos ricos, que a unica fortuna que ambiciona para o herdeiro é o trabalho, a honra e o sentimento do dever. Terá o cuidado de dizer tudo isto muito depressa para que o futuro padrinho não tenha tempo para refletir e insista, fingindo depois que acede contrafeito, mas estabelecendo a condição de pagar ele todas as despesas.

O batisado

Pae e mãe devem lavar a creança, puxar-lhe lustro e vesti-la de branco. Quando o padrinho aparecer, devem mostrar-se muito amaveis e disfarçamente irão olhando-lhe para os bolsos, para ver quando ele tira a prenda.

Logo que o padrinho entrega ao anginho o brinde que trouxe, o pae fingir-se-ha zangado e dirá: «O' compadre! Isso não! Se eu soubesse que era para isso, não tinha condescendido em que você fôsse padrinho do garôto! Não foi isso o que se combinou!» Aproveitando o enxordio para ir avaliando o objecto dado.

A mãe tambem dirá: «Tanto incomodo para quê? Ora francamente! Bem dizia eu!» ao mesmo tempo que vae afirmando que a creança está a rir, que não quer largar e brinde, que se lho tirarem é capás de chorar, emfim uma porção de gracinhas mais ou menos proprias.

Antes de ir para a egreja, o pae terá o cuidado de trocar todo o dinheiro que tem por uma nota grande, para o parocho dizer que não tem troco e o padrinho pagar a despesa.

A' porta da egreja, tambem não se esquecerá de dizer á parteira para ir dar os parabens ao padrinho.

Depois em casa, durante o jantar, chamará ao compadre amigo de infancia, dirá que o que tem a dizer por detraz tambem o diz pela frente, que a mal ninguem o leva mas que a bem teem tudo d'ele, e que a vida está pela hora da morte, que o arroz subiu de preço e que o assucar anda de balão, procurando assim enternecer a victima, a fim de esta pagar metade da despesa.

Findo o jantar, acompanhará o padrinho até casa e voltará ás tantas para casa já embriagado, a descompor a mulher porque não tratou o compadre como devia, e a chamar nomes feios ao filho, por estar sempre a chorar.

BAILES

Deveres dos homens

O homem quando vae a um baile deve escolher uns sapatos largos e não esticar o cóz das calças.

Quando entra na sala, deve fingir que está muito á vontade, metendo para isso as mãos nas algibeiras e assobiando qualquer cantiga decente. Quando a musica principiar, dirigir-se-ha a uma senhora e respeitosamente, como quem tira o chapeu á passagem de um enterro, diz:—V. Ex.ª dá-me a honra?—Se a senhora concede essa graça deve leval-a para o meio da sala e começar o serviço, tendo o cuidado de não lhe manchar o vestido com suor.

Quando acabar a musica, deve levar a donzela (mesmo que o não seja é o mesmo) até ao logar de onde a tirou, curvar-se e agradecer com olhos romanticos.

Toda a noite leva nisto, até que por fim irá para casa, muito convencido de que se divertiu bastante.

Deveres das mulheres

A mulher quando vai a um baile, deve dizer á familia, que vai contrafeita, que os bailes a aborrecem muito, que o seu gôsto era ficar em casa, etc.

Quando entra na sala, deve ir sentar-se muito triste, que é para os rapazes finos dos bancos lhe perguntarem porque está assim.

Se lhe apresentarem um rapaz antipatico, deverá dizer que já está comprometida, mas se o rapaz tem um tipo bastante fino, deve dizer logo que sim e ir dançar, com uma cara absolutamente sentimental.

Quando se senta, levará as mãos aos cabelos, arranjando-os, num gesto muito Bertini e nos intervalos irá comer para traz de um reposteiro, o pão e queijo que a mãe trouxe escondidos na manga do casaco de abafar.

Quando algum rapaz se chegar para ela, dirá que em literatura gosta muito do «Julio», que em escultura admira muito a louça das Caldas, e que em musica, é damnadinha pelo fado do Bacalhau tocado com abafador.

Se lhe falarem em amor, dirá que ninguem a quer, que sabe muito bem que não é bonita e que não acredita nos homens que são todos uns falsos.

Quando a mamã der o toque de recolher, fingirá que tem um grande alivio e dir-lhe-ha em segredo:—«Que pressa! Já está damnada por se apanhar na cama!»

Deveres das mamãs

As mamãs quando vão a um baile, irão contando pelo caminho coisas dos seus bons tempos.

Quando entram na sala, irão sentar-se a um canto e emquanto não adormecerem, poderão ir dizendo mal dos vestidos alheios.

Devem atestar que as respectivas filhas são modelos autenticos dos «Mimosos» da Virtude e do Pudor e que o pai é contrario áquelas idas a bailes porque tem um genio muito exquisito.

Quando deliberam ir para casa, dirão fingindo uma grande amabilidade:—«Ó menina! Quando quizeres, podemos ir embora»—e baixinho ao ouvido das filhas—«Has-de-me apanhar cá outra vez, mas ha-de ser do mesmo! Toda a noite numa indecencia com aquele rapaz de patilhas! Deixa estar que em casa eu te direi! Levante-me essa saia de baixo que está uma vergonha! Sua atrevida!»

Com as modernas danças, é preciso ainda não esquecer certos movimentos que dão muita gentileza aos corpos de todos e muito que fazer á sensibilidade de cada um. Não os cito aqui, porque sou uma pessoa honesta e porque tenho em muito apreço a imoralidade dos outros.

Henrique Roldão

QUEM VÊ CARAS

—Menino, não chore que se faz feio!
—Ah! Então a senhora tem chorado muito...

UM BELO BRINDE DA "GILLETE AOS" HOMENS DE SPORT

Amanhã seram expostas na casa Gomes Ferreira da R. do Ouro, 11 preciosas maquinas «Gillete», ultimo modelo, em ouro, oferta desta grande marca aos «foot-balers» vencedores do Campeonato de Portugal.

ANESTESIA TOTAL

—Baptista, antes de me mostrares a conta tras-me uma garrafa de cloroformio!...

AS ESCOLAS DO CLUB NACIONAL DE NATAÇÃO

Hoje, pelas 10 horas o Club Nacional de Nação abre as suas escolas de cinto e aperfeiçoamento.

Grande tem sido o numero de nadadores que este Club tem criado, devido a competencia e assiduidade dos instructores, que obsequiosamente se prestam a ensinar aos seus associados todos os estilos de nadar.

Sabemos o que valem as escolas deste importante Club, a forma tão acertada como elas são ministradas, e portanto é sem receio, que hoje incitamos a mocidade a cultivar a natação.

Ha da parte de certos pais relutancia a que seus filhos pratiquem a natação.

Nada mais injusto.

Todo o pai que tem amor a um filho não lhe deve negar os recursos com que amanhã, em caso de sinistro no mar, se poderão salvar, e aos seus semelhantes.

Não deve ser doloroso para um pai, perder um filho, por não lhe ter facultado meios para luctar com a agua?

A natação é uma poderosa e necessaria arma de defeza.

Neste Club, e em todos os outros, as escolas são dadas com toda a segurança e por instructores bastante competentes, e são amiudadas vezes vigiadas por medicos.

Os alunos, antes de iniciarem os seus banhos, teem que informar o seu instructor, da opinião dada sobre este assunto, pelo seu medico assistente.

Primeiramente, em terra, os alunos aprendem os movimentos natatorios, de maneira que, quando se lançam á agua, facil lhes é nadar.

A instrução, no mar, é dada numa jangada, o aluno lança-se á agua com um forte cinto de lôna e cabedal, que tem uma corda, suficientemente grossa que fica na mão do instructor ou amarrada á jangada.

O instructor apresenta-se sempre em fato de banho, pronto para qualquer eventualidade; na jangada estão boias de salvação, e perto anda sempre um pequeno barco.

Com estes cuidados, julgamos não terem razão de existir taes receios.

Consta que o Club Nacional de Natação, lança hoje á agua uma jangada desmontavel construida em ferro com uma superficie de 24 metros quadrados e que pode ser adaptada para lançamento de nadadores á agua em dias de provas.

CAMPO PEQUENO

Toureio em pêlo, que merecia uma "corrida em pêlo". Toureiros marca "usgate". Salva-se Simão da Veiga (filho) e nada mais.

Quem tenha assistido, como eu, a autenticas touradas desde a primeira corrida no Campo Pequeno, em 18 de agosto de 1892, e todas que se seguiram, nas quaes tomaram parte entre outras notabilidades, os nossos saudosos e grandes mestres do toureio, Alfredo Tinoco, Fernando de Oliveira, Robertos, Peixinhos, Calabaça, etc., etc., fica pasmado, para não dizer enojado com o que presentemente se está vendo na primeira praça do paiz.

O espada Sanchez Mejias, a quem tenho feito as mais elogiosas e justas referencias ás suas qualidades profissionaes, que são muito importantes, mais se avolumando com o gesto nobre e altamente humanitario da sua oferta para trabalhar gratuitamente em quatro corridas a favor dos nossos pobresinhos, praticou no domingo passado um erro que não deverá repetir-se, demais, numa corrida formal, e que só á porta fechada se devia permitir.

Refiro-me ao grande toureiro prestar-se a montar um cavalo em pelo—a primeira vez que tal se pratica nesta praça—e parodiar do nosso toureio equestre, perante um publico que na grande maioria conhece e muito bem as regras d'esse toureio, demais, n'uma epoca em que tão alevantada e discutida tem sido a arte de Marialva.

O publico que enchia meia lotação, manifestou-se pró e contra. Alguns espectadores protestaram energicamente contra o que estavam presenceando; outra parte dava palmas, e outra, a maior e mais importante, lamentava «surdamente» o ridiculo a que se prestou o grande toureiro e não menos amigo estimadissimo dos portuguezes, Sanchez Mejias.

Que uma esponja seja passada sobre o que lá vae, e não torne a repetir-se o que se fez no domingo, porque a Praça do Campo Pequeno, não é a de Algés onde tudo se consente e se faz menos arte, excepto em corridas formaes, como bastantes ali se tem realisado. De resto, os touros da Sociedade Agricola da Golegã, bem apresentados e mansos, não proporcionaram boa lide, tendo havido apenas de notavel, dois pares de bandarilhas de Sanchez Mejias, dois pares de Agostinho Coelho, tres pares de Plá Flores, um excelente par de curtos de Simão da Veiga (filho), e nada mais.

Jorge Cadete e José Coelho foram colhidos sem más consequencias e a direção de Luiz Pimentel, acertada como sempre.

ZÉPEDRO

UMA GRAFOLOGA CELEBRE

DAMA ERRANTE

A celebre grafóloga que hoje inicia nas colunas do «Domingo Ilustrado» uma secção de grafologia que, por certo, vai despertar grande interesse a todos os nossos leitores.

«Dama Errante» que tem marcado em algumas revistas scientificas da especialidade, uma individualidade marcante de grandes conhecimentos grafológicos, possue raros dotes de inteligencia e psicologia e é, entre os modernos scientistas, justamente apreciada como a mais fulgurante tratadista da grafologia.

Com a colaboração de «A Dama Errante» vai o «Domingo Ilustrado» marcar um logar elevado nas sciencias modernas e poderão todos os nossos leitores apreciar as suas raras faculdades.

(Veja a secção de grafologia na 8.ª pagina).

AS PROVAS DA JUNQUEIRA

Ao longo da muralha da Junqueira realizou-se no domingo passado a disputa do campeonato de Portugal de 4 Remos que, como no ano anterior, foi brilhantemente ganho pelo Club Naval de Lisbôa.

Até aos 1200 metros ainda o Club Naval Setubalense conseguiu vir a par do seu forte adversario, mas, veio a perder por 3 a 4 comprimentos, devido á remada da tripulação do Naval ser muito mais vigorosa e comprida, do que a sua e não se notar o «estacamento» da embarcação.

O out-rigger «Maria Leonor» era tripulado por: Sebastião Costa, timoneiro; Mario Garcia, voga; Francisco Leote, Salazar Diniz e Cardoso Leitão.

Realisou-se tambem, entre remadores «juniors» uma corrida de out-riggers de 4 remos em que tomaram parte o Club Naval de Lisbôa, Ginasio Club do Sul e Club Naval Setubalense, que triunfou.

O Club Naval de Lisbôa, classificou-se em segundo logar, tendo sido muito prejudicado pela ondulação dum rebocador que de perto acompanhou a prova.

A taça Correia da Silva, disputada entre o Club Naval de Lisbôa e o Sport Algés e Dafundo, em inriggers de 6 remos, foi de todas as provas aquela que mais emocionou a assistencia pois até aos ultimos 100 metros a victoria esteve indecisa, conseguindo finalmente o Club Naval de Lisbôa, mais um triunfo.

Foi muito notada a falta da Associação Naval de Lisbôa a esta prova que no dia 24 se havia classificado em primeiro logar, e que o juri anulou.

Se as provas tivessem começado á hora marcada podiamos dizer que a sua organisação tinha sido modelar.

Ao Club Naval de Lisbôa endereçamos as nossas felicitações.

O FOOT-BALL EM FAMILIA

Acabou agora de ser posto á venda os «onzes» dos diversos clubes de «foot-ball», com as respectivas equipes, estampas que, depois de recortadas e assentes em discos de cortiça ou de madeira e coladas em cartão, servem para a petisada se entreter, pois pode jogar o «foot-ball» com uma bola de celuloide ou belindre, sem gasto de calçado nem barulho para os visinhos... Já se encontram publicados os «onzes» do Sporting, Bemfica, Casa Pia, Belenenses, Victoria e Olhanense.

Cinemas, teatros e circos

cá por dentro

—Contituiu-se uma sociedade artistica que, sob a direcção de Augusto Cezar de Avelar, vai fazer a exploração da opereta »A Severa» no teatro Apolo,

—José Ricardo vai este verão explorar o teatro de S. Luiz com uma companhia de comedia.

—A companhia do teatro Maria Victoria, irá no principio do inverno ao Porto, explorar no Teatro Aguia d'Ouro a revista «Rataplan».

—Depois do seu regresso da provincia a companhia Satanela-Amarante, será dissolvida.

—Para a Companhia Alfredo Cortez, foi contratada a atriz Constança Navarro.

—No proximo inverno será representada uma opereta intitulada, o «Lagarto da Panha».

—No proximo verão a Companhia do Teatro Maria Vitoria irá com Laura Costa em «tourneé» ao Brazil.

—O governo cedeu algumas salas de um edificio do Estado para instalação da Sociedade de Escritores e Compositores Teatraes Portuguezes.

—Parece que Antonio Macedo tenciona fazer uma temporada de verão no Teatro Aguia d'Ouro do Porto.

—Alvaro de Andrade e Leitão de Barros acordaram numa colaboração de teatro que se destina a uma companhia de declamação.

—Está em ensaios de apuro no Teatro Novo a peça de Pirandelo «A verdade de cada um». Dirige-os Gil Ferreira.

—A peça »Os ultimos» de João Correia de Oliveira e Francisco Lage será apresentada ao teatro Nacional.

—A «Revista de Teatro» e o «Domingo ilustrado» combinaram um grande festival de teatro que revestirá enorme brilhantismo e excepcionaes atrativos. E' possivel que entre nessa festa, representando, um grande »az» de foot-ball».

o momento teatral

—Maria de Lourdes Cabral, uma rapariga que toda a gente da Lisboa elegante conhece descendente da alta aristocracia, decidiu um dia entrar para o teatro. Possuidora duma das mais belas vozes que hoje se ouvem nos palcos portugueses, muito culta e invulgarmente instruida, formosa e jovem, mui belo futuro lhe estava reservado. E, em pouco tempo galgou as primeiros postos da scena, tendo feito ultimamente uma «tournée» triunfal ás ilhas. De facto Maria de Lourdes foi imediatamente contratada para o Eden, por esse inteligente emprezario bem moderno e bem perpicaz que é Conceição e Silva.

A sua reaparição na nova peça de André Brun «A Cidade onde a gente se aborrece» é esperada com o entusiasmo merecido, porquanto Maria de Lourdes é destas raparigas que espalha em redor de si uma radiante frescura e uma estonteante mocidade. A essas qualidades alia, a simpatica e gentilissima figura que ilumina esta pagina, o mais bondoso coração e o mais «charmeur» dos espiritos. Por tudo pois, Maria de Lourdes, vae triunfar mais uma vez.

O NOSSO CONCURSO TEATRAL

Não sabemos ainda qual o poeta que se encoberta sob o pseudonimo de João, e a quem foi atribuido o premio deste jornal.

Ficaremos nesta redacção esperando que a sua modestia não seja tão grande que se queira eternamente esconder.

A festa de Laura Costa

Brevemente serão entregues á «divette» graciossissima do Teatro Maria Vitoria as homenagens de «O Domingo ilustrado.» Motivo imprevisto fez adiar o espectaculo que projectamos naquele teatro e que se realisa por estes dias.

Revista de teatro

Obteve um grande exito o numero deste nosso primeiro magazine de teatro, sendo já um pleonasmo dizer que vem brilhantissimo.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, »Rataplan» com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

Folhetim do «Domingo Ilustrado» N.º 2

CAPITULO I

MENINA E MOÇA

Passamos então dias mais amargos que o oleo de figado de bacalhau. Minha mãe tinha pouco geito para pedir esmola e não arranjava vintem, eu, quando apregoava a hortaliça, não sei que demonio tinha, que via fecharem-se todas as janelas e taparem-se todos os ouvidos.

Assim levamos dois anos de vida miseravel até que um dia minha mãe acordou morta. Tinha falecido tão repentinamente que nem sequer teve tempo para m'o dizer.

Chorei bastante quando a levaram para o Alto de S. João, e fiquei completamente só, apenas com uma tia que nunca vira e que se conservava por tradição, com setenta anos de edade, não sei em que terra da provincia.

Como o meu corpo de dezoito anos era já relativamente crescido, uma amiga de minha mãe, vendo-me absolutamente orfã arranjou-me para eu trabalhar a dias numa casa.

Era essa casa na Praça da Alegria e, (pasme o leitor) morava nela nem mais nem menos do que a minha colega Augusta Cordeiro que a esse tempo fazia «ingenuas» no Teatro Nacional! Mal sabe a minha ilustre colega, que a Manuela, a quem ela ofereceu um retrato com uma dedicatoria ceia de admiração pelo seu talento, é aquela pobre rapariga que lhe lavava a escada e a quem tão mal tratava, dando-lhe apenas assorda ao almoço e um caldo sem couves ao jantar.

Muita gente estranhará esta confissão.

Resolvi porem escrever as minhas memorias, como se falasse a um confessor. Alem de que, fico bem com a minha consciencia. Estou certa que, se todas as minhas colegas escrevessem a historia da sua vida, o publico estranharia de ha trinta e quatro anos, haver tanta escada para lavar.

Da casa da Augusta Cordeiro passei, por por conselho de uma sua creada de fóra, para casa do meu colega Rafael Marques que nesse tempo ainda não era ator.

O Rafael tratou-me um pouco melhor porque era, como ainda é, um bom rapaz e poucas vezes me via. Andava ele então na Politecnica creio que a estudar para D. Cezar de Bazan. Um dia porem bati como se costuma dizer, com a cara na porta. A mobilia da casa tinha sido confiscada e o Rafael tinha ido para a Africa fazer de «Papuss».

Puz então um anuncio no jornal oferecendo-me como creada para todo o serviço e tive tanta sorte que no dia seguinte, recebo uma carta para ir á Rua da Gloria.

Fui. A morada indicada era um rez-do-chão. Apareceu-me o sr. Julio Dantas, (este de que tenho aqui a fotografia com a seguinte dedicatoria: «A' mais Pompadour das artistas portuguezas, á artista signe talento, á representante efectiva d'uma grande raça de Wateaux, oferece o (a) Julio Dantas») e que voltando-se para dentro de casa exclamou:

—O' Pia! Está aqui a sopeira!

Entrei e falei com uma senhora gorda disfarçada de louro, que depois soube ser a minha colega Maria Pia e que me ofereceu seis vintens por mez. Recusei e puz outro anuncio.

Fui então servir para casa d'um sujeito velhote que tocava tambor na orquestra da Trindade e que ás ocultas da patroa me largava a sua piava á Carlos Leal.

Estive pouco tempo nessa casa porque o pobre homem do tambor nunca tinha dinheiro para me pagar. Dizia ele que o sr. Carlos Borges era um unhas de fome e que, alem de o obrigar a tocar noites seguidas, sem pagamento algum, o obrigava a ir tocar alvoradas, sempre que o filho saía ministro. O pesadelo do pobre musico era que o sr. Carlos Borges um belo dia lhe tirasse tambem a pele do instrumento, ou lhe pusesse «cativos» os botões do colete.

Saí de casa do meu segundo patrão e arranjei o logar de creada de fóra em casa da minha colega Amelia Pereira, que tinha mais de trezentos gatos em casa e dava a miude chá á minha colega Maria Clementina.

Se estas duas colegas se lembram d'aquela vez que estiveram uma tarde inteira a dizer mal dos colegas e que, por fim; até disseram mal da pobre Julia da Assunção, por ela andar sempre com falta de apetite, hão-de lembrar-se de mim, que nessa ocasião era a creada de fóra da Amelia.

(Continúa)

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A CASA DA RUA DE S. MAMEDE

Leve fantasia sobre um caso verdadeiro. Algumas das figuras desta novela, vivem ainda. Leia e terá dez minutos de emoções vibrantes e intensas.

—SABES tu—disse-me o Eduardo—móro agora n'uma casa assombrada!

—Homem! Isso é raro!—respondi—Estás no convivio dos fantasmas e das almas penadas!

—Não duvides! Digo-t'o porque sei que, de vez em quando, te entregas a leituras sobre coisas do alem!

—E' certo!

—Conheces as doutrinas espiritas, as hipotses teosoficas e sei que em tempos idos, te aplicaste aos chamados fenomenos psiquicos!

—E' verdade, mas conta lá isso da casa!

—Queres tu visital-a?

—Quero!

—Então convida tambem o Silveira e o Raposo e logo á noite vamos lá fazer uma sessão!

—Está combinado! Mas dize: Sentiste por lá alguma coisa?

—Tenho sentido! Não vez tu que na casa ha uma hospede extremamente nervosa! Desconfio que é ela que se presta aos fenomenos!

—Mas que fenomenos? Fisicos?

—E' claro! Ainda a noite passada, estava eu a lêr, quando de repente uma jarra que tinha sobre uma mesa, cahiu e desfez-se em cácos!—E fica sabendo meu caro que já não é a primeira coisa que é atirada violentamente de encontro ao soalho!

—Depois ouvem-se uns ais prelongados pelos corredores! Não calculas! Toda a gente lá em casa anda assustadissima!

—E' curioso!

—E' claro que só de noite é que acontecem os fenomenos e quando a tal mulher histerica está a dormir! Ha dias, pela manhã, não encontrei o meu chapeu! Procurei por toda a parte, e nada! Eu tinha fechado a porta por dentro quando me deitei! Pois sabes onde estava o chapeu? Na cosinha! Na cosinha onde eu nem tinha estado!

—Temos então casos de desmaterialisação e masterialisação?!

—Creio que sim! E não sucedem só comigo! A dona da casa jura aflita que de noite sente que lhe puxam violentamente pela roupa e um outro hospede afirma, que quando vem para casa, ao passar no patamar da escada, sente um frio de morte!

—O frio astral!

—Não sei! Queres ir lá?

—Pois sim! A' noite aqui ás dez horas!

—Combinado.

* * *

Eram onze horas quando trepámos até ao quarto andar do predio da rua de São Mamede, onde Eduardo morava. Na sua eterna vadiagem por casas de hospedes, Eduardo tinha ido ali parar por acaso, n'essa constante oscilação de arrimo que era a sua vida. Inligente, de uma cultura pouco vulgar, arrastava os ossos pelas redações dos jornaes, traçando dia e noite «linguados» de prosa que, na grande maioria, sahiam anonimos, perdidos sempre na indiferença dos leitores.

Eramos ao todo cinco: O Eduardo, o Silveira, o Silva Cunha e eu.

Entramos no quarto do Eduardo. Livros e jornaes por todos os cantos. Papeis escritos, notas e apontamentos, tudo, n'um grande desalinho, numa falta de cuidado que mostrava bem a vida inquieta de Eduardo, a falta que ele muitas vezes sentia, de mão carinhosa na sua existencia atribulada.

—Que havemos de fazer?—perguntou o Pedroso—Vocês sabem que eu de espiritismo, nada percebo!

—Mas nós vamos fazer uma sessão?—porguntou o Silva Cunha—sentando-se sem cerimonia na cama.

—E' claro!—afirmou o Eduardo—Ha aqui qualquer coisa! Como pessoas inteligentes, vamos ver de que se trata!—e apontando para mim—Este conhece a materia! Nós somos pessoas de bem. Estamos aqui como creaturas que querem saber! Nada de teorias absolutas! «Vamos ver se vemos!» Qual te parece o melhor processo?

—Eu te digo! respondi—O melhor... Chega para aqui essa mesa de pé de galo carregada de livros—Talvez assim se consiga alguma coisa! E' mais rudimentar! Apago o candieiro?

—Não, diminue apenas! E' bastante! Sentemo-nos em volta da meza!

Todos puzemos as mãos sobre a mesa e, com grande surpreza nossa, passado um segundo, a meza oscilou e tomou uma posição de equilibrio sobre um unico pé.

Olhei para todos, que me olhavam aparvalhados. O fenomeno era real, palpavel. As mãos viam-se nitidamente á luz frouxa do candieiro, todos nos tinhamos afastado o mais possivel da mesa que, n'um salto brusco tomou outra posição mais inclinada, «fisicamente impossivel de sustentar».

—Interroga!—disse o Eduardo.

Interroguei com todas as praxes uzadas n'estas sessões. Por meio de pancadas rapidas «responderam-nos» que desejavam falar.

—O melhor é o Pedroso, ir tomando nota das palavras—disse eu.—Sentas-te n'aquela cadeira e vaes escrevendo as letras que eu te disser!

Durou o «dialogo» um quarto de hora. Apoz ele, a mesa ficou sem movimento. Tiramos as mãos e demos mais luz ao candieiro.

O Pedroso leu então as palavras escritas:

Vão ao sotão. Junto da meza amarela façam um buraco na parede. Ficam ricos. Segredo. Rezem por mim. Elisa.

—Que demonio é isto?—disse o Silveira—Que coisa tão extranha!

—Querem ir vêr?—perguntou o Eduardo.

—Eu acredito lá nisto!—disse o Pedroso!

—Mas vamos! Nada custa!—pediu o Eduardo—Na cosinha ha um machado de partir lenha! Serve! Vamos! Que dizes tu?

—Vamos!

* * *

O sotão cheirava a bafio. Servia de arrecadação de moveis velhos.

—Não está cá nenhuma meza amarela!—disse o Pedroso—Bem dizia eu! Vocês são malucos!

—Está aqui! Deve ser esta!—e o Silveira mostrava-nos uma mesa antiga, de madeira côr de amendoa.

—E' verdade!

—O' Rapazes!—disse o Eduardo—Olhem que eu dou-lhes a minha palavra d'homem que ignorava a existencia desta meza! E nenhum de vocês...

—Se é a primeira vez que vim a este predio!

—E eu!

—E eu!

—Façamos o buraco!—e nervosamente, tomado de uma febre subita, Eduardo pegou na machada trazida da cosinha, e atacou a parede com golpes rapidos. Todos nós nos tinhamos acocorado em volta, espreitando anciosamente.

A caliça cahia facilmente. Apareceram tijolos que a machada partiu em pedaços. Subito uma pancada metalica, fez-nos estremecer.

—Ha aqui qualquer coisa de metal!—disse em segredo Eduardo, e atirou uma pancada maior que pelo ruido, nos pareceu ter batido em cheio sobre ferro.

—Afasta a terra com as mãos!—e o Pedroso começou agatanhando rapidamente na abertura—Parece uma caixa!

—Um cofre!

—Talvez! Esperem lá! já cede! Prompto!—e com um puxão forte, sacou uma pequena caixa de ferro, cheia de ferrugem—Esta é extraordinaria!

—Deixa ver!—disse Eduardo—Está aberto! Olhem, papeis!

—Cartas!

—E' verdade.

O cofresinho estava realmente atulhado de cartas cheias de nodoas de humidade. Deitei a mão a uma e li, n'uma tinta apagada, «*Cabo Verde, 5 de Março de 1831: Minha querida Elisa*».

—O nome da comunicação! E' curioso!

—Só tem papeis?

—Só!

—Então a tal riqueza?

—Olha Eduardo, vai tu lendo isso emquanto nós vamos escavando mais! Já agora sempre quero ver o que isto dá!—e o Silva Cunha meteu a mão pela abertura, afastando a caliça.—Esperem ha aqui qualquer coisa!—e tirando um maço de papeis—Mais cartas!

—Não são!—disse o Pedroso afastando o entulho que cobria o maço—Olhem, são notas!

—Dinheiro?

—Sim! Notas antigas da Casa da Moeda!

—Isso não vale nada!

—Vê se ha mais alguma coisa!

—Esperem lá!—e novamente o Pedroso meteu o braço pela abertura—Ha! Ha qualquer coisa redonda! Custa a sahir! Esperem! Pronto! Já vem! Parece uma bóla!

Afastámos a caliça que cobria o objecto tirado por Pedroso e... ficamos boquiabertos. Era uma pequena caveira, uma caveira de creança de quatro anos!

—Esta agora!

—Mas que coisa tão extranha!

—Procura mais! Mete a mão!

—Esperem! Isto é curioso!—e o Pedroso ia a meter novamente o braço pela abertura quando o Eduardo gritou:

—Alto! Metam tudo isto lá dentro outra vez!—e rapidamente, febrilmente atirou com o cofre, as cartas, as notas e a caveira para dentro do buraco.

(Continua na pagina 8)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

Os dois suicidas do Parque da Pena

Uma pagina pungente e passional onde passa uma tragedia conhecida. Nela se evoca o antigo liceu do Carmo, o que encherá de recordações os que o frequentaram. Interessa e comove a narrativa.

SOB a aboboda da ampla escadaria de pedra do Liceu do Carmo, ao meia dia, a vozearia era insurdecedora.

Tinha dado a sineta da hora do lunche, e o velho casarão pombalino, que albergara, nas noites tempestuosas das «Bernardas» do Saldanha, conspiradores militares, quasi abalava, fendido d'alto a baixo pelos guinchos, vozearias, gritos, berros de toda a ordem e de todo o timbre, que os mil e tantos rapazes e pequenas do liceu, naquele momento de liberdade e de alegria, espalhavam pelo ar. Crusavam os professores das aulas para a sua sala, pressurosos, as cadernetas das notas na mão,—e lá ia o velho Ventura de Azevedo, arrastando os seus setenta anos nos sapatos de sola grossa, caidas as meias de «crochet», o Pedro Leite, o «protoplasma», aos passos miudinhos e meio cego; o padre Leitão, terror dos «latinorios», nervoso e pequenino, o Nobre de Carvalho sanguineo e apopletico, o Camêlo, a morder o bigode, elegante—e os novos, os provisorios, o Anibal Soares, colocado pelo João Franco, sempre a dormir por causa das noitadas do «Diario Ilustrado»,—o Alfredo Pimenta, de rosa na lapela, a pregar, a pregar a «sua» Republica nas aulas de Historia, o Lopes d'Oliveira, bigodaça de sargento e alma de poeta, com meias brancas; o Alberto Machado, mais louro e mais fresco, electrico e pimpão, o Liberato Pinto, ainda antes de ir engordar á Guarda Republicana, a ensinar modestas aritmeticas; o Fonseca, de meia luneta, magister dos velhos desenhos «á escovinha»—e toda essa pleiade de velhos professores—tantos já mortos!—que com o Carvalho da Secretaria e o Borges da Biblioteca, tantas gerações conheceram, e que ainda ha bons quinze anos, no velho liceu do Carmo, prontificavam e davam uma velha patine de «Escolas Gerais» e de Colegio dos Nobres, ao tradicional instituto de Lisboa.

* * *

Ela, nervosa, palida, uns caracolitos por fóra da boina, tinha a frescura duma aveola sobre o campo ao romper da manhã.

Ele, era moreno e forte de ombros, soturno e triste. Nem de falas com os colegas nem de graças com as raparigas: rude e violento.

Fôra uma tarde, ao lusco fusco, quando saiam duma aula pratica mais tardia, que ela, timidamente lhe disse: Se o «senhor 23» me emprestasse os seus apontamentos de quimica... Não sei nada, e tenho medo de ser chamada amanhã...

Ele levantou os olhos para ela, deu-lhe o caderno, e ficou trémulo. Os seus grandes olhos negros fixaram aquelas olheirasitas virgens e azuladas, e um fluxo perturbador o invadiu todo.

Que sim, que estava tudo ás suas ordens, e ele proprio, lhe explicou, aqui que a letra estava mais sumida, como era a fórmula, como se resolvia o problema... E a sua mão ossuda e escura tocou ao de leve a pequenina mão de Inês, onde um fugidio borrão de tinta dava uma nota infantil de colegio...

Estremeceram os dois.

Amavam-se!

* * *

Foi uma enorme loucura essa grande e tragica adolescencia de amôr!

Desabrochando simultaneamente os dois para a vida, amaram-se com todo o perfume, com toda a castidade, com toda a deliciosa emução de sacrificio que ha no primeiro despertar dos sentidos.

Na gloriosa alvorada do primeiro beijo e da primeira posse—a maior festa pagã da vida—celebraram-na os dois, loucos desvairados, indiferentes ao mundo entregues um do outro, sem as sanções regulares e vulgares da sociedade ou da egreja. Amôr puro de instincto, ao ritmo fulgurante e selvagem do acaso, nasceu como nascem as rosas bravas, perfumadas e livres, desfolhadas ao vento, beijadas ao orvalho puro das ante-manhãs divinas...

* * *

Inês completou nesse ano a setima classe. E, em Outubro, tanto ela como Paulo, assignaram sobre os selos universitarios o seu termo de matricula na secretaria da Politecnica.

Nesse momento, os dois escolares ele ainda com a batina e a capa negra sobre o dorso, eram amantes.

Fôra uma noite nas vesperas do exame. Inês dissera em casa que ficaria até mais tarde, a estudar depois de fechar a biblioteca, com uma amiga. Que perderia talvez a noite. E fôra de facto ao velho casarão de S. Francisco, e estudara até tarde. Fôra ele quem a viera buscar, pé ante pé, á sala de leitura E sairam os dois. S. Francisco e S. Julião a baixo, enlaçados no escuro da noite...

Passearam á brisa fresca da noite, no Terreiro do Paço, deserto áquela hora. Apenas em baixo, nas fragatas de carga, maritimos de Vila Franca dedilhavam na guitarra, ao marulhar do lôdo nas escadas de pedra.

Inês e Paulo subiram a encosta da Sé. Ela com a sua pastinha escura sobre o braço, miudinha e nervosa; ele sôfrego, pesado, cobrindo-lhe meio corpo com a aza negra da capa.

E, no lugubre e desconsolador quarto do estudante, humido e sem ar, á luz tremula, sanguinea, duma vela Inês, virgem, confiada, serena, casta, bela, entregou-se toda no seu imenso e voluntario sacrificio.

* * *

A familia de Inês era pobre e honrada. A mãe fôra creada e o pae, velho policia, trabalhava hoje na secretaria do Governo Civil. Do matrimonio havia mais duas irmãs e um irmão.

O irmão reprovado no liceu, «dedicara-se ao comercio» e era caixeiro numa mercearia da Baixa. As duas irmãs, uma costureira de coletes e outra de chapeus, ganhavam os alfinetes e as migalhas e tudo quanto na casa havia a mais ia juntar-se a um cantinho de mais ternura para a Inês. Fôra a ultima e saiu a mais inteligente. Por isso o pae, com sacrificio, meteu-a nos estudos, «já que as outras não tinham dado nada». E ela lá seguia dando bôa conta de si, e estava por pouco doutora.

—Heide fazer dela uma medica, dizia o velhote, na repartição—nem que ponha a camisa no prego!

Quero deixar alguma coisa nesta vida—e parece-me que não deixo mal. Olhem vocês que foi a unica distinção de toda a turma... E todos sabiam que a pequena era a honra da casa, dos paes e dos irmãos, pois até o rapaz olhava aquela irmã, que vencera no que ele desistira, com respeito, e com um carinho de orgulho.

* * *

No dia de natal, quando todos estavam á meza, o pae levantou-se pegou num copo de vinho e disse, com a voz fraca e uma lagrima suspensa, mordendo a um canto da boca o largo bigode branco: Minha filha... Inês... quero-te fazer uma saúde.

Tenho feito por ti muitos sacrificios mas vejo que os mereces.

Nós todos, a tua mãe, eu, pedimos-te que continues como até aqui. No dia em que fôres doutora será o dia mais alegre da minha vida... Acredita Inês,... acredita filha! Nesse dia, se eu morrer, olha que morro feliz!—Não é verdade, mulher?—E abraçou-se com duas lagrimas, a correrem sobre a barba, a todos os filhos.

Inês teve uma pequena convulsão; tombou sobre o peito da irmã. Mas o pae amparou-a, beijou-a muito, «a sua menina», «a sua doutora», sentou-a no colo, tratou-a como a um brinquedo, afagou-a com a volupia do avarento passando as mãos pelo oiro.

E foi uma feliz noite de familia essa noite de Natal...

* * *

Na tarde do dia de Reis, Inês estremeceu. Um presentimento que a trazia desde a vespera febril e sobresaltada apossou-se de si como uma certeza. Um vago torpor lhe tomava os membros, um enjôo de tudo lhe toldava o olhar—e uma agitação fecunda e nova lhe corria no sangue, mais veloz do que nunca. Sim! Devia ser esse o grande e sagrado alarme. A natureza não a enganava.

Chorou toda a tarde. Na manhã seguinte procurou-o na Escola, e no jardim, sob as palmeiras onde pendiam as largas etiquetas de zinco, confessou-lhe, entre lagrimas, o dôce crime dos dois.

E êle? Era pobre e só. Que fazer? Iria falar ao pae. Contar-lhe-hia tudo, pedir-lhe-hia que os deixasse casar já, para «tapar as bocas do mundo» e depois tudo se arranjaria.

—Ah! não, contar-lhe não. Iria pedi-la, pedi-la só, e casariam. Mas dizer-lhe o motivo, isso seria para ele o maior desgosto—e ela queria poupar ao velhote, tudo.

E voltou a casa. A' noite antes de deitar-se, falou no quarto á mãe. Que namorava um rapaz, que viria pedil-a porque era serio, que fosse prevenindo o pae.

—Tu casares?

—Então minha mãe?

—E o curso?

—Acaba-se depois...

—Depois... mas tu não vês que isso é o sonho do pae?! Como lhe queres pedir isso? Meu deus, meu deus! Casares, tu!?

* * *

A scena entre o pae e Paulo foi curta e violentissima.

—A minha filha não casa, porque

(Continua na pagina 8)

A CASA DA RUA DE S. MAMEDE

Continuação da pagina 6)

—Deixa ver se está lá mais alguma coisa!

—Não quero! Não quero!—e nos seus gestos, na sua voz havia qualquer coisa de pavorosamente extranho.—Tapem tudo! Depressa!—e atirava a caliça ás mãos cheias—Tapem tudo! Assim! Assim!—e pegando no candieiro—Vamos embora! Depressa! Vamos embora!

—Mas que diabo foi isso!?—dissémos.

—Nada! Nada! Vamos embora! Vamos embora!—e tremia mal segurando o candieiro—Vamos para a rua!

* * *

Nenhum de nós dissera palavra! Concerteza qualquer razão forte obrigara Eduardo a suspender tão estupidamente tudo aquilo.

Junto da Praça da Figueira, separamo-nos. Eduardo, silencioso até ali, olhou-nos de frente e disse:

—Vocês dão a sua palavra de honra que, emquanto eu fôr vivo, não tentam saber o que é aquilo que estava escondido na parede? Dão? Peço-lhes esse favor! Dão?

—Damos!

—Obrigado!—e seguiu rapidamente pela Rua da Prata.

* * *

Tinham passado anos. Um dia, n'um café:

—O' Eduardo! Tu lembras-ta daquelas escavações no sotão da Rua de São Mamede!?

Eduardo fitou-me, esteve um momento calado e sem olhar respondeu:

—Sabes de quem eram aquelas cartas que eu li, emquanto vocês escavavam? De meu pae!

—E aquela Eliza? E a caveira de creança?

—Não me perguntes mais nada!—E no seu rosto trasparecia um segredo cruel, que a minha amisade não tentou descobrir.

Secção de grafologia

o caracter revelado pela caligrafia

A grafologia é hoje uma sciencia positiva. Apontada em quasi todas as grandes revistas do mundo, entrou em pouco tempo no grande campo das investigações oficiaes e hoje, existem repartições de grafalogia não só nas repartições policiaes dos grandes paizes, como até em casas bancarias, comerciaes etc.

O «Domingo Ilustrado» no grande desejo de melhorar a sua leitura, variando constantemente as suas secções, abre um Consultorio de grafologia dirigido pela ilustre grafóloga «A dama Errante» já celebrada na revista literaria hespanhola «Humanidad», pela logica e certeza dos seus estudos.

Damos a seguir os resultados grafologicos de alguns dos nossos principaes escritores e artistas:

ESTUDOS FEITOS SOBRE AUTOGRAFOS

JOÃO DE BARROS (Poeta)

Grande otimismo nascido na extraordinaria confiança que tem em si :Ordem: Bom gosto estetico. Não gosta de simetrias. Impulsivo, tanto para o bem como para o mal. Constante e afeiçoado. Tem razão quando pensa que o não comprehendem. Sensualmente cerebral e moralmente aceiado. Deseja mostrar-se superior mas receia que lhe chamem vaidoso. Prespicaz, não crê na amizade. Tem bôa memoria mas não a cultiva. Não é feliz.

NASCIMENTO FERNANDES (Actor)

Agressividade. Nervos muito mal dominados Ama profundamente a discução. Ordem dezordenada. Poupa um alfinete e expalha uma fortuna. Leal e um grande conceito de si proprio. Não sabe o que quer.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO (Escritor)

Ordem. Um extraordinario metodo em tudo. Tem sempre medo que o não entendam. Gosta do lar e ama o confortavel. Quando afirma está sempre disposto a voltar a traz' Audacioso quando está só mas diante dos outros, encolhe-se. Não é elegante por medo. Por vezes fala muito, outras quasi nada. Mania colecionadora. Bom fisionomista. Em arte, ama o exotico.

CARLOS REIS (Pintor)

Cáracter apaixonado e impulsivo. Fraze pronta, adquada e ispirituosa. Amplidão de ideias Genio «achampagnado.» Reservado á custa da experiencia. Exaltação mistica. Vaidade intima Prodigalidades desiguais. Sofre ataques de tedio alarmadores.

ANDRÉ BRUN (Escritor)

Por ser de pequeno um grande poeta, tormou-se humorista. Gosta de todas as mulheres. Ingenuo e bom como uma creança. Quer ser pensiomista mas é intimamente otimista. Deixa-se arrastar por impulsos que o obrigam a retrair-se. Ama a hiperbole. Pontos de misticismo. Grande gosto pelo lar. Vive amargurado. mas não sabe porquê.

AMELIA REY COLAÇO (Actriz)

Vontade firme com rajadas de impaciencia. Juizo claro e calmo das coisas. Muito amor á estetica. Ideias proprias. Imaginação viva e exaltada. Nervos vibrados á menor contrariedade. Temperamento seco mas dedicado. Caminha verliginosamenle pela vida mas tem pavor ás grandes velocidades. Ordenada. Zanga-se frequentemente consigo propria. Não é pessimista e tem sentimento poetico mas sem piéguice.

A DAMA ERRANTE

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

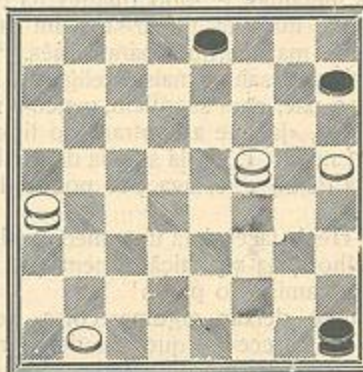
RUA D. PEDRO V, 18,--LISBOA

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 20

	Brancas	Pretas
1	13—17	29—18
2	14—10	21—14—7
3	23—14—3	
	Ganha	
1		29—4
2	23—19	4—29
3	19—1	29—4
4	1—5	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 21

Pretas 1 D e 2 p.

Brancas 2 D e 2 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 19 os srs. Agostinho Monteiro, Artur Santos, Eugenio Leal, José Brandão, Raul Machado, Sueiro da Silveira, Um aprendiz (Foz do Douro) e outro aprendiz (Vila Real de S. Antonio).

—

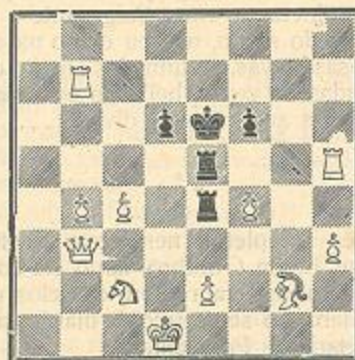
Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo de Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 21

Par P. H. Williams

Pretas (5)

Brancas (11)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

Solução do Problema n.º 19

1 D 6 B R

Resolveram os srs. capitão Elias Garcia (Faro), tenente-coronel Nunes Cardoso, Sueiro da Silveira e Marcelino de Barros.

(CONTINUAÇÃO)

Em resumo o problema de xadrês é uma composição artistica cuja solução deve ao contrario das possibilidades aparentes, asseguar o mate em um numero de lances restricto determinado pelo enunciado, qualquer que seja a defesa. Deve-o desenvolver por meios simples e relativamente proporcionados uma solução atraente, dificil e variada.

OS DOIS SUICIDAS DO PARQUE DA PENA

(Continuação da pagina 7)

não pode casar, consigo ou seja com quem fôr, entende? Não a trouxe até onde a tenho para coser meias como qualquer sopeira. Se o senhor é estudante, estude, que é o que tem a fazer. E saia, que eu não aturo creanças!

Foram a um sabado, no comboio das 10. O plano era dela. Não suportava já a cinta no ventre, apertada a correia sobre a pele, e de manhã, fôra ter com ele, dissera-lhe claramente: Se digo o meu estado ao pae, mato-o do desgosto. Casar, não me deixa. Fugir comtigo é impossivel. Vendi ontem e cordão e comprei esta pistola.

Paulo, se é verdade tudo o que me dizias, só tens uma coisa a fazer—é matares-me!

Vamos a Sintra. Passamos um diá bom. Vem comigo. E foram os dois, pela gare fóra, para Sintra, enlaçados como dois noivos felizes com um tranquilo sorriso nos labios...

No alto da encosta, palida, os dentes cerrados, ela teve uma crise. Ele quiz voltar. Não, fica! Beijou-o muito. Afinal a vida, é um bocado a mais ou a menos. Que importa? Tudo fica na mesma. Logo ha de anoitecer como sempre. Verás, estas ervas continuam a crescer, e ninguem se lembrará de quem morreu.,.. Morra-mos nós! Dá cá um beijo, assim... na bôca... Quero morrer, contigo, aqui. Não te enganes, certo, assim...

Um tiro surdo voltou-a de borco, como um fardo, sobre a relva, uma golfada vermelha sobre a «écharpe». Ele ficou palido, olhou a pistola... Era assim que se morria... Teve medo... Tão novo...

Levou a cano frio á cara... Deu um tiro no ar... tremeu... aonde?... um ouvido... como se morre mais depressa?... e não morrer?... mas vinham depois... oh! que cobardia!—e levou o cano ao pescoço. E deu um tiro... Aonde? não o sabia.

Sangue... Estava ferido... Ela estremecera. Oh! Estaria viva?

Caiu sobre ela, a chorar, a chorar muito, a chama-la, loucamente. Morrer não, morrer já, não! Inês! Inês! Inês! E desmaiou.

Ontem, na Ferrari, á hora fresca do chá, Paulo entrou com uma mulher. Era uma francesa. Na mesa onde se sentaram duas mulheres os esperavam. Ele tirou o chapeu e a sua bela cabeça anelada surgiu sobre o fato, brilhante e moça.

Riram de mil coisas.

* * *

Sobre uma lousa rasa do Cemiterio dos Prazeres um velho, curvado e triste, deixou esta manhã um ramo de flôres baratas. Alem dessa pedra estava enterrado o sonho da sua vida.

Fez hoje sete anos que morreu Inês. Paulo e as francesas tomaram o rapido da tarde para Sintra.

«Verás, as ervas tornarão a crescer e ninguem se lembrará dos que morrem».

UM MONSTRO MISTERIOSO

O VAMPIRO DE ROMA

A população italiana está sobresaltada com a aparição do mais terrivel facinora de que ha memoria. O governo italiano oferece 50 contos a quem descobrir o criminoso. Mais de 200 dectetives o procuram por todo o paiz.

HA já dias que a população de Roma se encontra sob a impressão dum terrivel e pungente pezadelo. Dir-se-hia que a natureza humana se compraz, por vezes, em produzir verdadeiros abortos, dando a entes com a configuração humana requintes de ferocidade superiores aos das proprias féras.

Alucinados, fanaticos — sensuais, productos excepcionaes não se sabe de que misterios, têm surgido por vezes.

Nunca porem nenhum surgiu, em ximara dela—não mais a vendo. A mãe aflita corre á policia e durante dois dias pesquizas sem numero têm logar, mas baldadamente.

A' tarde do terceiro dia, nos terrenos duma obra no Corso Milano, aparecia sobre uma cama de palhas, nusinho e rigido, o cadaver da pequenina Branca, horrosamente mutilado nos olhos, e—crime dos crimes!—profanado bestialmente. Não se descreve a dor dos esposos Carlieri, vendo assim morrer a sua filha! A impressão então produzida em toda a Italia pelo hediondo crime foi enorme, e os jornaes reclamaram exemplar castigo. Infelizmente nem o mais leve vestigio foi descoberto.

Passaram alguns mezes sobre o terrivel crime, e ainda o espanto e o terror não estava de todo acalmado, quando novo e identico acto foi praticado. E' agora a victima Rosita Spelli, lindissima creança de quatro anos, que era o orgulho dos seus, robustissima, e que regressava dum jardim-escola nos bairros populares da cidade. E' atraida, não se sabe porque processo, por um homem desconhecido e 24 horas depois, tal como a sua desgraçadinha companheira Carlieri, aparece morta e brutalmente violada, com as orelhas decepadas e estrangulada, num pequeno moinho abandonado.

Os jornais bradam contra o nefando crime. Toda a opinião publica se levanta irritada, cheia de furor mas ainda nada se esclarece. Apenas outro cadaversinho de inocente existe, e por detraz dêle só um imenso misterio. Sabe-se que um homem de casaco castanho se aproximou da victima, que esse homem era atarracado, e que usava óculos. Era pouco para definir um monstro—e o monstro continuava vivendo.

* * *

Por muito absurdo que o facto pareça, a verdade, a terrivel verdade, é que faz precisamente hoje oito dias, domingo passado, que o mesmo bandido cometeu identico crime na pessôa de Elsa Berni. Trata-se tambem duma pequenina, esta de seis anos, que era verdadeiramente um tipo de beleza.

A creança brincava no Janicolo, um jardim de Roma, proximo da praça Borghése.

Não se descreve o desespero da multidão! A colera que se apossou de Roma, contra o facinora, foi enorme.

O governo, pela voz de Mussolini ofereceu mais de 50.000 liras a quem prendesse o criminoso.

Mais de 200 detectives procuram avidamente, febrilmente o Vampiro de Roma. E nem um rastro, nem uma esperança de o prender!

Mães de todo o mundo, vê-de com sofrem as mães romanas!

AS VITIMAS DO VAMPIRO DE ROMA

Elsa Berni (6 anos), Rosita Spell (4 anos), Branca Carlieri (6 anos). «(De suplement especial de Il Secolo)»

toda a historia da criminologia patologica com tão repugnante aspecto como o estranho e misterioso facinora que a imprensa mundial ja conhece sob o nome de «O Vampiro de Roma».

Nada se sabe dele senão a assustadora seqüencia dos seus hediondos crimes, executados com tal calculo e tal pericia, que foi absolutamente impossivel ainda deitar-lhe a mão ou sequer fazer uma ideia acerca da sua possivel individualidade.

Vejamos, ainda que não possamos entrar em detalhes que repugnam (e que vieram em alguns jornais italianos) em que consistiram os nefandos crimes desse terrivel tarado que é hoje em Roma o pesadelo de todas as mães de filhinhos pequenos.

* * *

Ha alguns mezes, uma tarde doirada do principio do inverno passado, algumas centenas de creanças brincavam sob as arvores frondosas do parque romano do Pincio. Institutrices, «bonnes», amas, mães pobres e ricas, cosfuravam ou liam pelas alamedas, e milhares de pequeninos brincavam na tarde tranquila. Foi ahi, e não na Praça de S. Pedro, (como se disse) que Branca Carlieri, a deliciosa bonequinha que ilustra esta pagina, jogava com alguмas amiguinhas, não longe de sua mãe.

De repente, tal como nas antigas fitas de cinema,—a creança desapareceu. As suas companheiras não deram por nada. Apenas sabiam dizer que um homem de sobretudo cinzento se apro-

«AUTO DA VIDA ETERNA» — por Augusto de Santa Rita, (Lisboa, 1925).

O «Auto da Vida Eterna», dividido em 1 visão, 3 sonhos e 9 «canticas» (não será canticos»?) é a obra dum estranho poeta que, indiferente a quaisquer comentarios, se limita a transcrever facilmente o que «Alguem» veiu segredar-lhe... Esse «alguem» chamar-se-hia, romanticamente, o «estro», a «inspiração», a «musa», mas como as vozes que os poetas ouvem não cabem dentro desse nome, será melhor não querermos saber ao certo quem é o verdadeiro autor dêste auto que terá vida eterna.

Tenho a certeza de que os versos de Santa Rita não são trabalhados a frio; tenho a certeza de que os escreve tão facilmente como se alguem estivesse a ditar-lhos. Pode, talvez, dizer-se que Santa Rita é um plagiario, simplesmente, o livro onde encontra os seus versos já feitos anda escondido na sua propria alma e só êle o sabe ler. Santa Rita é um filho estremecido da Poesia, um destes filhos que são o orgulho das mães, porque passam a vida a adora-las e a procurar a ocasião de lhes provarem o seu amor.

No «Auto da Vida Eterna» ha versos que chegam aos astros e ha outros que não chegam a erguer-se da terra. Isto explica-se: o poeta quiz fazer um «auto», um esboço de teatro lirico, qualquer cousa onde existisse uma acção ainda que debil e que tivesse principio, meio e fim; viu-se forçado, portanto, a transigir com uma relativa lógica, a «meter na ordem» a bela e fecunda desordem da sua inspiração, a fazer as frases com uma certa vero similhança, a arrumar algumas poesias quassublimes, prendendo-as umas ás outras por meio de versos quasi pobres. Como quem enfia pérolas num arame ferrugento, sujeitando-se a que nos intervalos das perolas, apareça o arame...

Esta simples observação, longe de significar a menor quebra no alto apreço em que tenho o excepcional temperamento nato do artista a que faço referencia, envolve apenas a minha convicção de que Santa Rita escreverá sempre versos altivos e vencedores, logo que não se preocupe com a composição de teatro lirico e de poemas dramaticos, logo que seja tão somente um poeta de poesias soltas, soltas e libertas das algemas importunas que o bom senso impõe a tôda a alma literaria em que intervenham como neste «Auto da Vida Eterna», alguns personagens prosaicos e paixões interesseiras.

Avaliando-se os obstaculos que o poeta encontrou, é forçoso reconhecer que ninguem o excederia na felicidade com que os venceu e ha mais um motivo para o admirar, pela maneirr como conseguiu abrir na acção ingenua do seu auto sentimental, tão explendidas clareiras de beleza e de graça profunda, limpida e amorosa.

Tereza LEITÃO DE BARROS

Decifrações do numero passado:

Charadas em verso: Malsim.
Charadas em frase: Estoicidade—Carapeta.

—

CHARADA EM VERSO

Minha mulher, outro dia—2
Adquiriu no mercado
Um fruto tão saboroso—2
Que por nós foi devorado.

Depois de chegada ao fim—1
Ella teve esta ideia—2
Teria sido melhor
Se o guardassemos para a ceia!

Fiquei algo furioso
E como sou imprudente
Ferrei-lhe grande tareia:
Que querem? foi um repânte...

REI FERA

•

CHARADAS EM FRASE

Vi em Lorena uma ave que era um mimo.—1—2.

AFRICANO

•

O cadaver do leão que matou um homem jaz aqui nesta sepultura.—2—2—2.

REI FERA

•

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saida dos respectivos numeros.

SRS. CHARADISTAS

Por motivo de força maior, sou forçado a abandonar por algumas semanas a secção charadistica «d'O Domingo Ilustrado», ficando em minha substituição o sr. *João Eloy Nunes Cardoso* a quem deve ser endereçada toda a correspondencia da referida secção.

José Pedro do Carmo

PAGINA FEMININA

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje a pagina feminina da nossa ilustre colaboradora Celiméne.

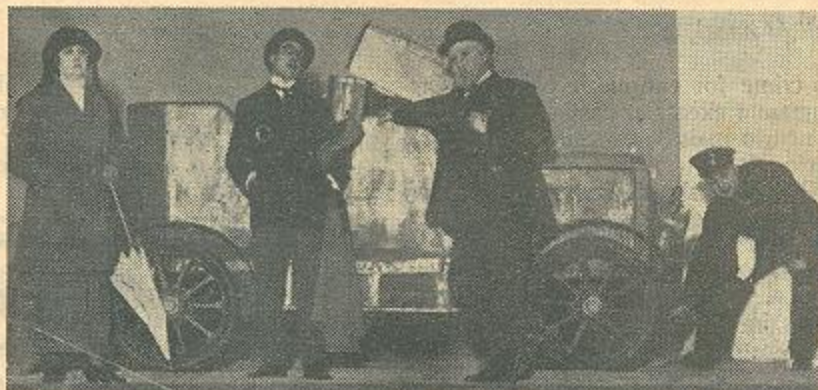
Actualidades gráficas

O Concurso Hipico Internacional

Grupo de elegantes no concurso hipico de Palhavã, vendo-se ao fundo dois dos brilhantes cavaleiros espanhoes que estiveram entre nós.

O jury, composto de altas individualidades sportivas, que presidiu e classificou a contento de todos, as provas do concurso hipico que tão grande exito teve.

KNOCK

Uma scena da genial comedia de Jules Romains que está em scena no Teatro Novo e

O exito do Teatro Novo

em que aparecem os ilustres artistas Gil Ferreira, Joaquim de Oliveira e Carlos Barros. e Luz Velozo

NO TEATRO

RICARDINA MAIA, insinuante artista que faz parte da actual companhia do Eden-Teatro.

O grande cavaleiro Helder Martins no «Avrô», dando um belo salto.

NOS JORNAIS

NORBERTO LOPES, o nosso querido camarada do «Diario de Lisboa», jornalista distinctissimo, que acaba de regressar da viagem do «Periplo de Africa», onde fez notaveis cronicas.

PUBLICIDADE

GRANDE RESTAURANT
— DO —
Solar Alegria
ABERTO TODA A NOITE
SERVIÇO ESMERADO
56, Praça da Alegria, 56
LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES
Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem
ORTHOPEDIA
Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos
ÁS 3 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA
TELEF. N. 908

CERVEJARIA DA FABRICA
PORTUGALIA
AVENIDA ALMIRANTE REIS
(Esquina da R. Pascoal de Melo)

Venda a copo, em garrafas e a litro, das suas acreditadas marcas «PILSENER» PRETA, TIPO «MUNICH» e «SPORT»

Concertos com variados programas, das 20 ás 24 horas

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS
MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO
36, RUA DA ATALAIA, 40
LISBOA

FABRICA DE MALAS, ARTIGOS DE VIAGEM E CORREARIA, DE

11, PRAÇA JOSÉ FONTANA, 11-A
45, AVENIDA CASAL RIBEIRO, 47

Nesta casa fabricam-se toda a qualidade de malas, carteiras e bolsas para senhora.

Visitem os meus estabelecimentos

SOBRETUDOS DA MODA; CAPAS Á ALEMTEJANA : CASACOS : DE ALPACA :
CASA DAS TESOURAS

METE-SE PELOS OLHOS A VANTAGEM DE COMPRAR

na CASA das TESOURAS
51-51A RUA DA ESCOLA POLITECNICA 53-55
PERES & ABRANTES, SUC.

FATOS FEITOS PARA HOMEM PARA RAPAZES FATOS DE KAKI CALÇAS FEITAS
R. Escola Politécnica
51, 51 A, 53, 55

Loteria de Santo Antonio
Em 19 de Junho
Premio maior
1:800.000$00

Bilhetes a 500$00 e quadragésimos a 12$50. Cautelas a 9$00, 6$00 e 3$00. Pelo correio mais $80.

Pedidos a
CAMPIÃO & C.ª
RUA DO AMPARO, 116
LISBOA

O
A B C-ZINHO
É O UNICO JORNAL DAS CREANÇAS PORTUGUESAS.

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS
"CONTESSA NETTEL"
CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.
GARCEZ, L.da
Rua Garrett, 88
TRABALHOS PARA AMADORES

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

Coelho Duarte, L.da
CASA ESPECIALISTA EM
LUNETAS, OCULOS, BINOCULOS E LORGNONS
Rua da Prata, 138 e 140
LISBOA

O DOMINGO
ILUSTRADO
Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.
FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.
FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

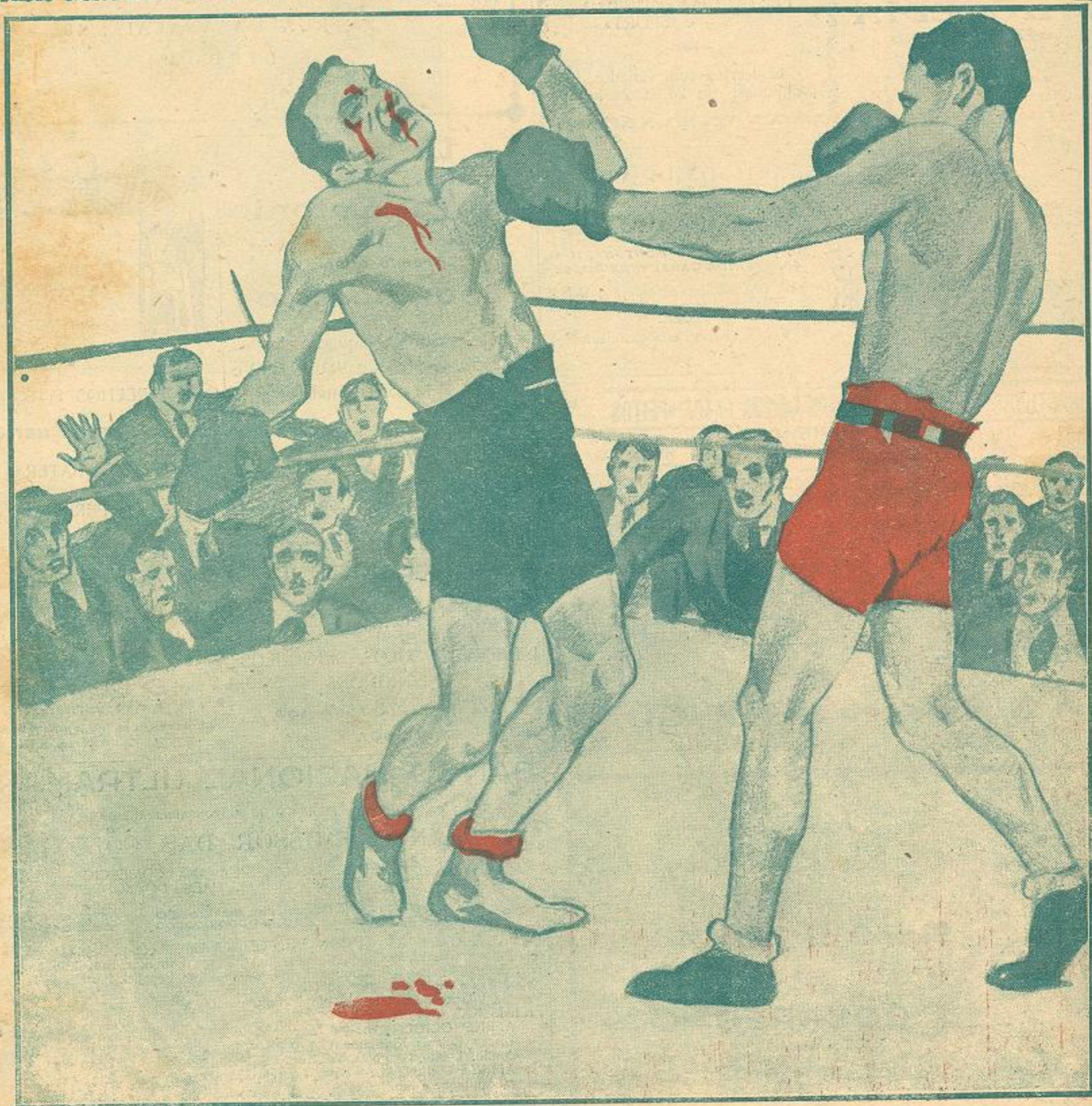
OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS ~ TEATROS, SPORTS & AVENTURAS ~ CONSULTORIOS & UTILIDADES.

"A nobre arte" em Portugal

O "box" é entre nós, não um "sport" de elegancia e de nobreza, mas uma desordem legal e brutal, onde por dinheiro dois homens se esmurram com uma selvageria proporcional ao dinheiro que ganham.